**TRISTEZA PARASITÁRIA BOVINA**

**Lucas Mendes Tavares1 Leonardo Costa Tavares Coelho2**

*1Graduando em Medicina Veterinária – Centro Universitário Uma Bom Despacho- Bom despacho /MG – Brasil*

*2 Professor– Centro Universitário Una Bom Despacho- Bom despacho /MG – Brasil*

**INTRODUÇÃO**

Acredita-se que as existências de algumas enfermidades acometidas em animais bovinos compõem fatores limitantes ao crescimento da bovinocultura mundial, principalmente em locais com áreas tropicais e subtropicais, destacando principalmente a Tristeza Parasitária Bovina (TPB)5. A Tristeza parasitária dos bovinos é nome comum das doenças causadas por protozoários do gênero Babesia e rickettsias do gênero Anaplasma2. Alguns animais não proporcionam anticorpos contra *Babesia* spp. e *Anaplasma* spp., beneficiando o fato de surtos quando estes adentram outra vez em contato com o agente4. Desse modo, a presente revisão de literatura tem como objetivo central analisar o perfil epidemiológico da enfermidade em questão.

**MATERIAL E MÉTODOS**

O percurso metodológico inclui, primeiramente, o levantamento bibliográfico decorrente, no qual se realizou uma revisão de documentos por meio eletrônico presentes no Scielo (Scientific Electronic Library Online) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde). Outras fontes de pesquisas foram obras literárias disponíveis em bibliotecas e meios eletrônicos. Os descritores utilizados foram: “ Tristeza parasitária bovina”, “*Babesia bigemina*”, “epidemiologia”, “anaplasmose”.

**REVISÃO DE LITERATURA**

A anaplasmose e a babesiose são duas afecções distintas que formam um complexo de hemoparasitoses conhecido como Tristeza Parasitária Bovina. O carrapato *Rhipicephalus (Boophilus) microplus* transmite aos bovinos dois protozoários: a *Babesia bovis* e a *Babesia bigemina* agentes da afecção intitulada babesiose e uma *rickettsia* denominada *Anaplasma marginale* responsável por provocar a anaplasmose, sendo esta transmitida também por moscas hematógenas como *Stomoxys calcitrans*, tabanídeos, culicídeos e através de fômites. A forma transplacentária em infecções agudas, apesar de pouco frequente, é relatada pela literatura e objeto de estudos para a determinação de seu significado epidemiológico. A enfermidade apresenta manifestações clínicas como febre, anemia, hemoglobinúria, icterícia, anorexia, prostração, além de alta mortalidade entre bovinos sensíveis3.

Estudos 4 ressalvama existência de três situações epidemiológicas que estão relacionadas a babesiose bovina: áreas avaliadas como livres da doença, onde a categoria climática não é favorável ao aparecimento de carrapatos; área de volubilidade enzoótica, onde um cenário de estação seca ou fria impede o desenvolvimento da vida livre do carrapato durante um período do ano; e as áreas de estabilidade enzoótica, sendo que nessas áreas as categorias climáticas são adequadas à vista de carrapatos, que estão presentes durante todo o ano, os animais são expostos aos parasitas infectados até os 7-10 meses de idade e de forma vitalícia, permanecendo imunizados, o que faz com os casos de doença clínica sejam raras nesse tipo de rebanho5. Um estudo realizado no Rio Grande do Sul relata que *B. bovis* é o agente mais importante envolvido em casos de babesiose, o mesmo é responsável por 41% dos casos clínicos diagnosticados nessa região com os animais apresentando sinais clínicos característicos da doença3.

Existe uma dificuldade em calcular o prejuízo causado pela doença através da redução de produção, custo com tratamento, medicação e produtos carrapaticidas, mão de obra especializada, perda de peso e retardo de desenvolvimento, aborto, subfertilidade de touros e mortalidade. Um estudo determinou que a doença acomete principalmente bovinos leiteiros com maior composição genética Holândes. O mesmo estudo aponta ainda que os valores perdidos com terapêutica e produção variam de R$ 50,00 a R$2.500 ao ano por animal2.

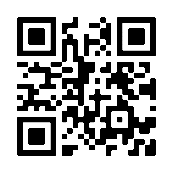
**Figura 1.** Sinais clássicos da TPB: mucosas ocular e vulvar anêmicas e anorexia.

Fonte: Rehagro, 2018

A prevenção e controle são realizados através da adoção de estratégias de controle dos vetores, evitando o compartilhamento de instrumentos perfuro-cortantes entre os animais, premunição, quimioprofilaxia e uso de vacinas. Em relação ao tratamento, o Aceturato de Diminazeno pode ser usado contra *B. bovis* e *B. bigemina* gerando proteção por até 4 semanas, enquanto que o Dipropionato de Imidocarb protege contra *B. bovis* por 4 semanas e para *B. bigemina* pelo menos 2 meses. Para a anaplasmose, a terapêutica é baseada no uso de antibióticos como a tetraciclina ou a oxitetraciclina. Ainda que os animais sejam tratados, estes podem se tornar portadores crônicos da doença e quando curados, permanecem susceptíveis a reinfecção5.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Tristeza parasitária bovina é descrita como uma patologia que está presente na rotina da pecuária leiteira, evidenciando a importância de conhecer sua epidemiologia, controle e tratamento, com o propósito de evitar prejuízos econômicos. É imprescindível a determinação da situação de cada propriedade, com a finalidade de instituir programas de controles específicos dos vetores, visando redução gradativa da incidência da doença.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**